

As Duas Águas do Mar

Francisco José Viegas

1 de agosto de 1991, 6h00

ESTA SERIA, PROVAVELMENTE, A ÚLTIMA PAISAGEM.

A derradeira imagem do mundo que o seu coração recordaria; agora, pouco mais importava na sua vida, podia esquecer o passado, ignorar o futuro. Diante daquela imagem poderia morrer, o seu corpo não iria protestar e Deus, se existisse, poderia voltar ao seu sono eterno, apenas interrompido por alguns instantes para assistir a esta morte, à sua morte. Ou ao seu renascimento. Gastara alguns anos de vida a percorrer lugares novos, a conhecer os vários pontos do mundo onde pudesse habitar um dia, mais tarde, e aí pudesse erguer a casa, a sua casa — não era preciso grande trabalho para isso. Um lugar simples bastava, um lugar onde os laços do passado se unissem à passagem do tempo tranquila e sem desperdícios. Mesmo sem glória, até, mesmo sem nome, um nome que viesse a ser lembrado mais tarde por alguém que folheasse um álbum de fotografias de família e perguntasse «quem é?»; iria fazer-se um silêncio, ele sabia, teria de fazer-se um silêncio complicado, «um tio, não conhecestes, desapareceu um dia». Tudo é muito simples quando se morre e, em certa medida, ele morrera já.

Ninguém sabia dizer, nesse instante, onde ele se encontrava ao certo, em que cidade, em que país, em que hemisfério. Ou, até, se estava em algum lugar — porque não deixara nenhuma indicação, nenhuma suspeita, nenhum recado. Banira cuidadosamente todos os vestígios, todos os sinais que pudessem comprometer esta tranquilidade que agora experimentava, sentado na varanda, aguardando que a luz da manhã se tornasse subitamente quente, como sabia que iria acontecer daí a pouco, até crescer durante todo o resto do dia e deixar a península estreita — diante da baía onde os barcos entravam vindos do Atlântico —, submersa numa nuvem espessa de humidade e de calor, muito calor, tanto que a roupa se colaria ao corpo.

Iria a sua fotografia ficar retida em algum álbum de família, desses que reúnem bisavós, avós, pais, tios, primos, irmãos, noivos, amigos que frequentaram a infância, amigos ao acaso, amigos de instante, amigos eternos? Amigos eternos. Sorriu à ideia porque, um mês antes, em casa, tratara de tudo ou de quase tudo: fizera alguns telefonemas, sim, do género “parto amanhã, Madrid, não sei, férias, Mallorca”, férias fugazes de uma vida já em férias. Férias de verão. Receberiam uma carta quando tivesse passado um mês, aproximadamente, uma carta que esclarecesse o que havia para esclarecer — não uma mensagem que os aliviasse, pelo menos a alguns, desse peso que sabia que talvez viessem a sentir durante algum tempo, mas uma carta que, em poucas linhas, dissesse o que havia para dizer: estou vivo mas não pensem mais nisso; é como se não estivesse. Deixara essa carta entregue aos cuidados de um homem que não divulgaria o segredo da sua origem. Mesmo esse homem era difícil de encontrar e enviaria a carta de um lugar insuspeito,

de modo a chegar a Portugal no dia que ele pensara ser o mais adequado. Uma pequena vingança. Mas uma vingança com instruções para ser bem recebida. Trouxera o indispensável para ele próprio compreender que um homem tem uma história, que essa história o persegue para onde quer que vá e que ninguém pode libertar-se dela por vontade própria. Voltaria a isso noutra altura, quando soubesse que tinha chegado a hora de voltar a pensar nisso. Por agora, ele recordava-se, havia o mar à espera.

Nunca conseguiria libertar-se dessa imagem, afinal, apesar de ser um lugar-comum, demasiado comum para que algum dia pudesse ser um momento glorioso da sua biografia. Só muito mais tarde, pensava ele, pude ver como tudo se iria reduzir as primeiras imagens, às primeiras palavras, ao primeiro amor, ao primeiro encontro. Gostaria de contar a história de tudo isto porque sou incapaz de amar e, por isso, há em mim uma certa alegria sem inveja ao ver os amores dos outros e aquilo que deles restou para eu viver. Como se tivessem acabado os grandes amores e as emoções que elevam um homem à altura dos anjos, dos pequenos pássaros que acompanham o recorte da falésia que se via há instantes desta varanda, porque era para lá que eu olhava, coisas que acontecem uma vez na vida durante os poucos minutos de lucidez a que temos acesso.

Gastei muitos dias, pensou ele. Muitos dias correram à minha volta e não vivi intensamente o perigo de eles acabarem repentinamente, acreditei sempre que alguma coisa os prolongava ou subtraía.

Por isso, também, esta seria uma das últimas imagens que poderia levar consigo. Todo este espaço à frente da janela está

vazio e silencioso, as escadas para o jardim, que separa a casa, branca, da aldeia que há poucas horas era ainda uma festa (porque assim acontece nas noites de verão, quando a aldeia recebe turistas), foram cuidadosamente limpas ao anoitecer e por elas se desce para o estreito caminho na floresta que irá dar à estrada principal; daí, é um pulo até à aldeia e os olhos dirigir-se-ão finalmente para o porto e, depois, para a marina de pesca que dá para a baía e para o grande mar. Fecharam as portas do bar que funciona junto do único hotel, seriam duas da madrugada, ninguém sai de lá agora. Aproveitaria então a primeira luz deste dia para um mergulho na água fresca (tão fria ainda, ele sabia bem) da baía, que daqui parece azul, limpa, e que aguarda outros corpos que chegarão depois, turistas de ocasião, visitantes habituais aos fins de semana. Depois dos últimos preparativos, de novo em casa, desceria com as malas e iria de táxi até ao aeroporto mais próximo, a cem quilómetros, o avião só partiria às onze horas. Teria de aproveitar esta última imagem da pequena aldeia, da baía que prolonga o mar e a linha fria e cortante de árvores junto à sua água. Respirar a derradeira humidade desta paisagem, as gotas de água na balaustrada da varanda, o derradeiro sabor da manhã, tão suave, os primeiros sons a caminharem na longínqua via de asfalto que vai dar ao outro lado da baía, atravessando um par de outras aldeias, e que se vê daqui como uma serpente negra acompanhando a água dos rios.

1 de agosto de 1991, 6h30

HÁ UMA VISÃO MUITO ESTREITA DO CÉU, SE OLHADO deste lugar. Nele voam os pássaros que acompanham o litoral da península, numa espécie de ritual que nasce com a luz do dia, como se surgissem no horizonte para homenageá-la. «Dá-me atenção, Deus, porque estes são os primeiros momentos da minha vida», disse ele, «os primeiros momentos de toda a vida, os instantes em que as crenças acabaram e o dia se abre, inteiro e cheio de luz, para consumir tudo o que resta de mim. Dá-me atenção porque esta é talvez a minha primeira oração e gostava que a ouvisses, e que tudo voltasse ao que era antes e antes de tudo ter começado em mim, que voltassem as marés e invadissem o deserto, e o molhassem, e refrescassem o rosto dos que têm calor e a boca dos que têm sede, e o dia terminasse sem medo nem súplicas. Não interessa o que os outros pensam, o que eles dizem à nossa volta, o que murmuram quando não estamos diante deles. Agora tudo talvez recomece, tal como na infância a vida recomeçava de vez em quando, quando se decidia que ela devia começar.»

A estrada que desce na direção da pequena baía é a mesma que passa pela aldeia e leva às praias. No dia anterior estivera numa delas e sabia-lhe o nome, a qualidade da areia, e reconhecera cuidadosamente a posição do Sol a cada hora. Digamos que poderia orientar-se pela posição do Sol que lhe servia como uma bússola. Reparara também nos seus vizinhos de praia, que estiveram deitados durante a maior parte da tarde, lendo jornais. Um homem sentado numa cadeira de plástico, propriedade do restaurante que se erguia defronte da praia e albergava turistas disciplinados que desciam para a areia a horas certas, sempre depois do pequeno-almoço. Um casal deitado na areia, ao sol do verão, isso recordaria. A meio da tarde, o rapaz vestiu um fato de mergulho, negro, de borracha, como ele supôs, e foi para a água. A rapariga ficou a vê-lo entrar no mar viu-o a mergulhar, muito ao longe, moldou de novo o seu corpo à areia, parecia ter adormecido, mas de vez em quando mudava de posição, colocando-se de forma a bronzear todo o corpo. Lembrava-se disso agora, que era muito cedo, ainda, o Sol começara há pouco a iluminar toda a baía, vira-a da janela do quarto uma hora atrás. Nem tanto, se se pensar que gastou apenas o tempo de arrumar as malas junto da porta, de tirar o carro do pequeno refúgio nas traseiras da casa e de subir até ao alto da serra onde lhe parecia que a terra acabava diante do mar e da Costa da Morte. Havia uma ilhota à sua direita e fixou-se nela durante alguns instantes, como se quisesse levar parte daquilo que subitamente aprendera a amar. Decidira, portanto, que esta seria a sua casa. Não soube dizer, na altura em que a descobriu, por quanto tempo o seria. Seria pelo tempo que considerasse irremediável.

A idade vale de pouco, sobretudo quando temos consciência dela. A esta hora outros pensariam em coisas semelhantes, ninguém é realmente exceção nas inquietações que nos assaltam como sinais de perigo ao longo de uma estrada pela montanha. Por si, já teria recordações que bastassem; poderia, um dia, se quisesse, escrever um livro sobre as suas recordações, se alguém pensasse que poderia valer a pena. Defendera poucas coisas, mas aquilo que defendera, ao longo da vida, valores, ideias, ou tão-só nomes vagos para valores e ideias, talvez merecessem que os tivesse defendido da maneira como afinal fizera. Quem iria julgá-lo por isso?

Caminhou pela estrada que ia dar ao promontório inclinado sobre o mar. O edifício abandonado do farol, uma construção anódina, lembrava-lhe outros faróis iguais e os naufrágios, os barcos que tinham percorrido aquela costa em busca de refúgio, e também isso era belo porque se tratava apenas de uma recordação. Teria a carta chegado ao seu destino? Escrevera-a à mesa da sala da sua casa, em Portugal, enquanto bebia um último café. Nessa manhã, levou depois o carro para o aeroporto, mas, antes, passara por uma estação de correios e selara o sobrescrito já endereçado. Não era esse sobrescrito que chegaria, no entanto, ao destino que ele escolhera para a sua carta, mas sim um outro que ia dentro daquele que depositara na caixa destinada a receber o correio nacional. E esse outro sobrescrito seria enviado já de fora de Portugal. Mas tudo isso fora há um mês, de facto. Há muito tempo.

Voltou a entrar no carro depois de ter deixado para trás o farol e de apagar o cigarro. Desceu suavemente pela estrada que passava pela aldeia, pela antiga igreja ao lado do cemitério,

pelo único hotel e, finalmente, depois de atravessar algumas ruas desertas, chegou à praia, naturalmente solitária àquela hora. Olhou para o relógio: seis e vinte, o primeiro sol, a vida renasce lentamente à volta da baía, o som dos passos na areia confunde-se com o arrastar das folhas das árvores vizinhas da estrada, daqui vê-se a aldeia, inteira, adormecida, o pequeno porto parece dependurado das suas ruas por amarras invisíveis. Lembraria esse brilho das águas do porto, os voos desordenados das gaivotas, seriam gaivotas?, em torno dos barcos. Lembraria também a cor suave da paisagem, que agora acordava. E a cor do céu, não esqueceria a cor do céu. A cor de um céu azul aguardando a hora do calor, a intensidade da luz a meio da manhã, o voo dos pássaros a rondar as ondas. Não esqueceria a cor do céu. Nem o som dos seus passos na areia muito limpa e ainda húmida.

Foi, aliás, esse som que o fez sustar subitamente a respiração e interromper a caminhada. Ficou de pé, parado, à escuta do ruído do mar, do voltar das ondas, pequenas e brancas, e apercebeu-se do som dos passos na areia, na mesma areia, embora estivesse parado. Mas não foi o último que ouviu, porque logo de seguida, quando se deu conta desse facto, o de continuar a ouvir o som de passos na areia, como um eco da sua caminhada, lenta e passeante, outro ruído se sobrepôs, embora mal tivesse tido tempo de o escutar inteiramente, ou de lhe prestar atenção. Pareceu-lhe um estampido, qualquer coisa vaga e ridícula, nada mais do que isso. E, depois, uma dor profunda e intensa, uma queimadura a que outras duas se juntaram de seguida nas suas costas, não bem nas suas costas, mas no lado esquerdo do peito, de lado, realmente, porque se

virara de repente para verificar a origem de outros passos naquela areia. Viu então alguém atrás de si, dez metros talvez, não teve a certeza, poderiam ter sido vinte até, não prestou a devida atenção porque se dobrou para trás no exato momento em que viu a outra figura atrás de si, empunhando aquilo que poderia bem ser uma pistola. Não teve a certeza, nem teve tempo, nem saberia dizer, naquele momento, se não se esqueceria desses pormenores nos segundos que se seguiriam, quando tombou na areia e viu a cor do céu, e isso sim, não esqueceria, não esqueceria a cor do céu.